Caixa de Pont[o]

Jornal Brasileiro de Teatro

[nº 7 - outono.2018]
ISSN 2446-5690

• afonso nilson de souza • augusto florin • barbara biscaro • carol silva • casa selvática
• companhia azul celeste • grupo ueba produtos notáveis • isadora salazar • jé oliveira • luis eduardo de sousa
• marcelo ádams • márcio silveira dos santos • ramón griffero • renan marcondes • stephan baumgärtel •

O Justo Dever dos Homens de Bem

Personagens:
Homem de bem
O Condenado

Homem de bem: Então aqui estamos. Quanto tempo desta vez? Três semanas? Quatro? A gente perde a noção do tempo por aqui, não é? (pausa) Seis meses, meu amigo! Seis longos meses de escuridão e umidade na solitária. Não é muito, não é? A gente acaba se acostumando com tudo. Eu, por exemplo, me acostumei com a tua ausência. Até esqueci que você estava aqui. Todos já te esqueceram. Todos acham que você morreu. E eu, te olhando agora, também acho. (pausa) Silencioso aqui, não é? Estamos no subsolo. É como se estivéssemos enterrados vivos, isolados, asfixiados. Ninguém pode ouvir nada a não ser que gritemos. Mas nós não vamos gritar, não é? Para que o som inútil da tua voz vagando sem sentido para ninguém? Não, nós não vamos gritar. (pausa) Estamos sós aqui e mesmo assim há gente em excesso. Você sabe, esse é o grande problema, muitas pessoas para pouco espaço, superlotação. Mas veja por este lado, o que for dito aqui fica conosco apenas, e isso é quase um silêncio. (pausa) Não entendo sua revolta. É como se você achasse que não seria punido. Que estupidez! Será que não confia nos profissionais que cuidam da lei e da ordem neste país? (longuíssima pausa. oferece um cigarro) Tá certo, como poderia aceitar algo de mim? (acende para si o cigarro) Afinal, sou eu que te prendo aqui, não é? Que te isolo e silencio nesse buraco, que exijo que você pague a tua dívida com a sociedade, não é? (constrangimento. o condenado concorda levemente com a cabeça e recebe um tabefe) Resposta errada, amigo! Você é o único culpado aqui. Como ousa me culpar pelas consequências dos seus atos? Agindo assim eu terei a impressão de que não me respeita mais, de que não me deve nada. E você sabe muito bem o quanto deve, não é? Não é? A tua dívida é impagável. Você deve tudo, tua reputação, tua história, teu corpo, tua alma, e sou eu quem vai cobrar. Sabe, amigo? Eu acho verdadeiramente que você deveria morrer. (pausa) Não, nada pessoal, eu nem mesmo te conheço direito e pra mim você é só mais um entre tantos. Mas que seria uma enorme economia de tempo, seria. O que te resta lá fora? Quando sair, se sair, o que eu duvido muito, vão te apontar e dizer "olha, lá vai mais um. Por que será que os soltam?" Eu respondo: para sofrerem mais com o desprezo que com as grades. Eu sei que parece que a liberdade compensa a indiferença, mas e aqui, onde noite após noite você acorda com pesadelos, temendo sempre uma faca na garganta, o que te resta? Por que você não se mata como os corajosos que não se permitem esse inferno? (o cigarro está pela metade ou inutilizado) É triste como as boas coisas da vida duram pouco. (faz menção de queimar com a brasa o condenado) Tua liberdade, por exemplo. Aqui você encontra abrigo contra esse cárcere que é o mundo. Aqui você não é obrigado a nada, nem mesmo a se sustentar. Aqui quem te sustenta sou eu. Sou eu e os meus que pagam a conta dessa imundície que é você. Você me deve e espero que saiba o que é gratidão. Mas você não sabe. Você é um desperdício. (tira um canivete do bolso, abre e encosta a lâmina na garganta do criminoso). Bastaria cortar um pouco só. Seria uma economia para o mundo. Você custa caro, e eu economizaria o dinheiro dos cidadãos de bem. Eu posso dizer que você tentou me agredir. Pronto, tudo resolvido. Apenas me defendi dessa ameaça que é a tua existência. Ah, é verdade, você está algemado. Mas não é a revolta dos acorrentados a mais violenta? Você não reage, não é? Pode passar acorrentado a vida inteira que nunca vai dizer um ai. Vai sempre temer algo pior que te possa acontecer, sempre temer, sempre temer. Sempre temer é a explicação para esse lixo em que você se encontra. (guarda o canivete) Um pouco mais forte eu teria de argumentar legítima defesa. (ri) Pra quê? Quem é você para valer explicações? Ninguém! E é também por isso que está aqui. Tua fome não é desculpa! Tua infância horrível não é desculpa! Tua família de vagabundos não é desculpa. Não existe perdão! (pausa) Isso tudo é um jogo. Eu mesmo não queria ter começado a jogar, mas se você não joga, o jogo que está aí te engole e você vira peça descartada. Posso dizer que sou um jogador nato. Sempre ganho. Essa é a regra principal, tá me entendendo? Então, quando eu digo que você é nada, que não vale as tripas que te enchem, que posso acabar com a tua vida a qualquer momento, que posso te prender sem provas, que posso sumir com teu corpo, que posso te escravizar para sempre, que posso te jogar aos cães, que posso comer o teu cu aidético, não se assuste, é tudo parte do jogo, apesar de ser a mais pura verdade. Vamos, me responda, você quer viver? Estou esperando? (o condenado responde com a cabeça. o homem de bem bate com as costas da mão) Para você, viver é inútil. Afinal de contas, o que é que você ganha vivendo? O que espera? Alegrias, realizações, amores? Vamos, me diga, o quê? Ainda mais aqui, onde o sol só é visto das sombras. Que fé é essa que você tem na vida que ainda deseja viver? Olhe ao redor, de que te adianta continuar aqui? Mas você ainda acredita na vida, não é? Já sei, talvez quando sair daqui encontre uma mulher, uma puta qualquer que se interesse por

esselixo que é você. Talvez essaputa te dê filhos. E aí, veja só, você terá uma família. Você viverá a sórdida face de uma vida regada com as mais indecentes frivolidades, repleta de rotinas inter–mináveis e uma alegria tão pueril quanto compensadora dos teus infortúnios de pai de família. Bonito isso, né? A família feliz do escroto filho de uma puta, mal parido, desgraçado e incapaz que é você. Mas o que é que você está pensando? Você tá louco, filha da puta? Já temos que nos matar com guerras e pestes para aliviar o planeta e agora você ainda quer ter filhos? Ainda mais um filho teu! Você não merece ter filhos. Vocês deviam ser todos esteri–lizados, como os cães. Dá muito trabalho matar depois que vocês crescem. Nem sei por que não te mato agora e evito a catástrofe da tua procriação. O amor é feito apenas para os bons, meu amigo. Apenas os homens de bem sabem amar. E você é mau, meu amigo. Você é mau! Eu tenho plena, absoluta, incontestável convicção da tua maldade. Você está aqui, não está? Você é um condenado, não é? Para que maior prova do horror que é a tua índole do que a tua condenação? Você não confia na justiça que te condenou? Estava tão evidente em todos os jornais a tua culpa, juiz nenhum precisou ler mais do que duas manchetes para tomar a decisão. (pausa) Às vezes quase sinto pena de você. (ameaça bater, mas não bate) Te assustei, não foi? Eu posso te bater a qualquer momento e não sinto a menor culpa por isso. Sabe por quê? Porque eu estou certo, porque tenho absoluta convicção de minha certeza, e por isso não sinto culpa, sinto orgulho. Eu sei o que é certo, eu sou o que é certo, e é por isso que sei quem deve ser punido. Mas você se acha inocente. Você não sabe o que é culpa, não é? Sentir culpa é o que nos diferencia. Isso você não aprendeu com os porcos que eram seus parentes, não é? Essa raça indigna, essa corja imunda, essa gentalha com quem tenho que esbarrar sempre que saio na rua neste país de miseráveis. Vocês fedem, fedem quando sentam do meu lado no avião, fedem quando ocupam a via com seus carros econômicos, e fedem quando ocupam injustamente as vagas dos meus filhos na universidade. Vocês jamais deveriam ter saído do esgoto que era seu ambiente natural. (ameaça bater novamente, mas não bate) Sabe o pior? Além de poder fazer tudo o que eu quiser contigo? De te socar, metralhar, queimar, esquartejar, sumir com teu corpo de merda? O pior é que isso me dá prazer. Não que eu seja um psicopata, que me deleite com o sofrimento alheio. É um tipo diferente de prazer. É o prazer dos quem têm razão e podem exercer essa razão. Eu sou a lei! O povo me paga para fazer a justiça ser cumprida, e é isso o que eu faço. Sim, ser um homem de bem me é um prazer. Tenho orgulho de minha profissão e dessa missão que Deus me deu, desse sacerdócio de tornar o mundo mais justo com as minhas ações. Mas o que é que você sabe sobre ter uma vida de valor? Justo você, que não vale nada. Mas viver você quer, não é? Vamos, responda, seu merda! (tira do bolso um revólver e encosta na nuca do condenado) Seria tão simples. Um movimento de dedos e caput, um condenado a menos no mundo. Tão rápido. Tão singelo. Caput. Nada mais de crimes. Apenas essefedor que suja teu uniforme. Porque até nisso você é um prejuízo. (guarda a arma) Ainda não posso. Além do mais, seria excessivamente fácil pra você. Qual dor? Nenhuma! Esse teu último segundo até o chão não salda a tua dívida. Você precisa sofrer para pagar. Sofrer como condenado que é. Mas não me julgue assim tão insensível. Você até que me faz bem. Agrada–me olhar pra essa sua cara retorcida e ver que nesses teus olhos não existe nada além da falta de razão dos selvagens, dos débeis. É como se eu me justificasse com a tua desrazão. Você me exercita. Posso melhorar a cada novo condenado que me caia nas mãos. Condenado, lembra? É por isso que você está aqui, amigo, por tua condenação. (pausa) Mas você tem direitos, não é? E eu vou te dar mais um, o direito de escolha. É uma grande chance que vou te dar. É um jogo. Me divirto muito, muito quando faço isso. Sei que você não vai conseguir e é por isso que faço. E você já sabe, não é? Eu sempre ganho. Então, atenção! Olhe, minha arma. Eu vou deixá–la aqui, ao alcance das tuas mãos. Mas que pena, você está algemado e não a alcança. Sem problemas, eu te darei uma, e apenas uma única chance. Quero apenas ver se você aprendeu qual é o teu lugar, se sabe a quem deve obediência e que a rebelião é inútil. Eu ficarei aqui, do outro lado, exatamente à mesma distância. Vou te soltar por um instante para ver se você é rápido o suficiente, o que sei que não é, ou se é sensato o suficiente para ficar sentado mesmo livre, o que talvez seja, e se for, então ganhará minha piedade. (golpeia–o violentamente repetidas vezes) Apenas para garantir minha segurança. Afinal, amigo, você não quer que um homem de bem, como eu, corra riscos desnecessários, não é? (tira as algemas) Pronto. Agora você está solto, livre. Espero que lembre sempre de meu gesto generoso. (pausa. os dois olham simultaneamente para a arma) Aqui estamos. Exatamente à mesma distância da arma que pode acabar com um de nós. É apenas uma questão de reflexo: quem se levantar primeiro sobrevive. (silêncio, os dois completamente estáticos esperando a reação mútua) Lembre–se de que tua sensatez pode valer minha misericórdia. Não precisa levantar. Basta ficar aí, quieto, eu pegarei novamente a arma, e tudo estará bem. Mesmo que se levante e me mate, não poderá sair. Apenas poderá se vingar. Mas se vingar do quê? Você merece estar onde está, você é um condenado! (silêncio. os dois inclinam–se em direção à arma) Sabe que não será mais rápido do que eu. (aumentando progres–sivamente a voz até o grito) Sabe que não te perdoarei se levantar. Sabe que você é nada, que não vale nada e que não vai fazer nada. Não vai fazer porque tem medo. É um covarde, um vagabundo que não vale nada... e eu vou te matar de qualquer jeito.

O condenado: você não pode matar a ideia que eu sou. (o condenado salta sobre o homem sem pegar a arma e dá–lhe uma surra, demorada e violenta. Cansado, pega a arma que ficara para trás, mira e aperta o gatilho. Está descarregada. O homem de bem, ferido, saca outra arma escondida sob as roupas e derruba o condenado com um tiro).

Homem de bem: Eu avisei que você não seria rápido o suficiente. Era pra pegar a arma e não a minha garganta, seu merda. Olhe para você. Onde está sua violenta arrogância agora? Não era você que pegaria a arma e acabaria comigo, que represento a justiça? Que sou a lei? Que sou um homem de bem? E, então, meu amigo? O que fará além de sangrar? Avisei, avisei e avisei novamente. Mas você, cabeça dura, vingativo, violento. Mas pra que violência? Apenas acabou de perder sua única chance. É uma pena, meu amigo, é mesmo uma pena para você. Pra mim será legítima defesa. (aponta a arma para o condenado. fica estático durante alguns segundos) Se eu te perdoasse agora, você me perdoaria no juízo final? (pausa, risos histéricos) Eu não preciso ser perdoado, porque eu faço o bem! Eu sou o instrumento dos justos, eu sou o longo braço da justiça que te abraça e sufoca. Os maus, os vilões, os bandidos, os esquerdalhas, os comunistas, os ateus imundos, os viados de merda, os vagabundos, os criminosos como você devem ser punidos. E devem pagar. (aponta a arma) E nós, que somos bons, temos o direito de cobrar. Mais que isso, temos o dever de honrar a nossa incorruptível e infalível justiça. (as luzes se apagam em silêncio).

[Afonso Nilson de Souza, dramaturgo e pesquisador de teatro, Laranjeira do Sul, PR]